

Maputo, 24/10/97. Primeiro show de rap realizado em território moçambicano, mais precisamente no Centro Cultural Franco-Moçambicano, situado na Praça da Independência, esquina com a avenida Samora Machel, a meio caminho entre as avenidas Karl Marx e Vladimir Lenin. A platéia, excitadíssima e elegantíssima (Wu Wear, do Wu-Tang Clan, era a grife mais popular entre dezenas de clones de Naomi Campbell e de Snoop Doggy Dogg), parecia que nunca tinha feito outra coisa na vida além de freqüentar shows de rap. Aparentemente, não havia diferença entre aquele show - em matéria de danças, roupas, resposta do público e comportamento no palco - e qualquer outra apresentação de rap realizada em qualquer outro lugar do mundo. Mas, pelo menos às vezes, as aparências enganam.

Os moçambicanos trafegaram numa frenética montanha “russa” de transformações políticas radicais nos últimos 30 anos. Muitos jovens ainda pensam suas vidas divididas em vários tempos: o tempo dos portugueses; o tempo de Samora; e, agora, o tempo do FMI. De colônia lusitana, para o coletivismo marxista, e daí para a MTV (via uma África do Sul pós-apartheid): num piscar de olhos. Tudo muda, cada vez com maior velocidade: é preciso então se acostumar a uma situação eternamente transitória, impermanente e imprevisível. Um motorista de táxi, ao ver duas meninas fumando maconha na rua, comentou: “se fosse no tempo de Samora, elas seriam colocadas num Antonov [avião de carga soviético] e iriam passar uns bons anos num campo de reeducação em Niassa [uma espécie de Sibéria escaldante local].” Não era necessário consumir drogas para ser reeducado: há menos de 10 anos, até vestir uma calça jeans era considerado um sinal evidente de americanização ou alta traição ideológica.

Realmente as coisas mudaram: o primeiro show de rap realizado no país demonstrou, com louvor, que a juventude tomou gosto pela globalização americanizada, com uma rapidez e uma esperteza impressionantes. Um gosto, já de início, crítico: o rap moçambicano, ao mesmo tempo que celebra a possibilidade de ter um Nike Air (e a estréia, naquele mesmo dia, do presidente Chissano numa reunião da Commonwealth), faz a crítica feroz da pobreza criada pelo neo-liberalismo globalizado. O curto-circuito de va-ores não deixa de ser uma faceta inebriante da desterritorialização de uma cultura ame-ricana vitoriosa na sua esquizofrenia.

Rio de Janeiro, 15/10/98. Cacá Diegues liga convidando para o show dos Racionais na quadra da Tradição. Convite assim não pode ser recusado: o cineasta mais ideologicamente mestiço do Brasil oferecendo espaço em camarote para a apresentação de uma banda conhecida por sua posição radical anti-ideologia-da-mestiçagem, a ser realizada em quadra de escola de samba (ainda por cima chamada Tradição!) no epicentro do território de um funk carioca que tudo tem feito para ignorar as lições doutrinárias do rap paulista. Uma noite que prometia ser certamente inesquecível.

E foi. A quadra estava superlotada. E o subúrbio do Rio parecia ter se transformado numa sucursal da periferia de São Paulo. Era como se o DJ Marlboro ou a dupla Claudinho e Buchecha nunca tivessem feito sucesso na cidade. Ao mesmo tempo, a platéia parecia estar num show da Legião Urbana. Todo mundo sabia cantar letras quilométricas do começo ao fim, como se aquilo não fosse rap, como se a banda do palco estivesse entoando a mais perfeita coleção dos mais assobiáveis hits pop.

Depois do sucesso comercial retumbante dos Racionais, não deve ser difícil ter uma idéia sobre o

que os funkeiros cariocas aprenderam a cantar. Na introdução de um dos raps, o ouvinte se defronta com a enumeração dos seguintes dados estatísticos: “A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras. Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo.”

Há negros. Há brancos. Não há mais indefinição mulata entre uma “raça” e outra, pelo menos não no Brasil descrito no rap dos Racionais, pelo menos não como valor a ser cultivado como motivo de ufanismo cultural. Então, há também quem diga que o sucesso dos Racionais é sinal de uma “americanização” no modo como os brasileiros passaram a pensar suas relações raciais. Eis o Brasil pós-Casa-Grande-e-Senzala. Eis a voz não-cordial da periferia do Brasil.

Em outro rap, os Racionais e sua legião de fãs cantam: “Periferia é periferia (em qualquer parte).” Faz sentido. Mas a comparação do lugar que o rap (cantado em português) e a “americanização” ocupam na periferia de Moçambique e do Brasil mostra que o mesmo estilo musical pode fazer sentidos e ter consequências político-culturais completamente diferentes devido a contextos irremediavelmente locais. Ainda bem que assim é: se a globalização nos empurra para uma inevitável periferia, que esse lugar seja o mais heterogêneo e complexo possível. Só assim estaremos disponíveis para surpresas, transformações, e novas músicas que combatam tudo aquilo que nos torna, muitas vezes com muito orgulho, periféricos.